

O Caso de Saint Martin

Gustavo Arcoverde

Capítulo 1: O Delegado

O despertador toca, aquele som semelhante a um alarme invade o quarto que estaria em silêncio, se não fossem pelas gotas da chuva da noite anterior caindo da calha. Uma mão pousa em cima do objeto e o mesmo é desligado. O dono dessa mão se levanta, ainda sonolento, e se senta na cama, tentando assimilar a ideia de que mais um dia tedioso na delegacia da pequena cidade de Saint Martin está para começar. Ele se levanta, caminha até o pequeno banheiro quase que acoplado ao quarto daquela pequena casa, entra e liga a água fria. Começa a pensar nas inúmeras vezes em que seu trabalho como delegado foi reduzido a ajudar idosas e guiar pessoas. Ele sai, para um minuto para se olhar no espelho, barba rala por fazer, cabelo desarrumado, olhos castanhos escuros que se fitam com desânimo claro. Então ele se veste, pega distintivo e chapéu. Abre a porta, aquela manhã ainda tem vestígios da chuva que passara por ali, vai até seu carro, de cor marrom desbotado por causa da chuva e um grande

adesivo da polícia de Saint Martin no capô e nas portas da frente. Ele liga o carro e, logo em seguida, o rádio toca:

- Alô? Delegado John? O senhor está aí? - a voz que sai do rádio é do assistente do delegado, Jonathan.

- Sim, estou aqui. O que é houve? - o delegado responde, enquanto acende um cigarro e apoia o braço no espaço aberto da janela.

- Algo muito ruim aconteceu e o senhor precisa ver pessoalmente, porque, sinceramente, eu não sei o que dizer... Estamos no Lago Crystal, venha pra cá!

Rápido!

Ele se espantou, poucas vezes Jonathan falou assim com seu chefe, o que significava que a situação devia ser ruim. Então, com um pouco de pressa, ele liga o carro e dirige pela estrada principal por 20 minutos até ver a entrada para uma estradinha de terra, ou barro, que leva ao Lago Crystal, ele vê outros carros de polícia nessa entrada. Ele para, e ao sair vê uma fita de polícia escrita "Não Ultrapasse" e dois policiais vigiando a entrada interditada da passagem de terra.

Os dois policiais o cumprimentam e o delegado responde com um aceno de cabeça, ele presume que seu assistente já esteja no lago, coordenando o que quer que esteja acontecendo.

Ele atravessa a fita erguida e segue pela estrada de terra molhada, com um péssimo pressentimento.

Capítulo 2: O Lago

A cada passo ele consegue ouvir mais nitidamente as vozes de pessoas conversando e de passos espirrando água de poças ocasionais ao serem pisados.

Ele finalmente entra no enorme espaço aberto que sucede a floresta e dá espaço ao lago. Policiais andam por todo lugar, todos usando luvas, alguns segurando câmeras fotográficas enquanto tiram fotos de partes da beira do rio e da orla da mata que separa a estrada principal do lago, outros levam equipamentos forenses e, em um ponto a alguns metros do lago, duas pessoas, que ele lembra serem os assistentes da médica legista, erguem uma maca com um saco preto em cima.

A pele do delegado empalidece, o cigarro escorrega por entre seus dentes e, com um soprar de um vento que ele sente invadir sua alma, ele se dá conta do que ocorreu ali e finalmente entende a tensão e pressa na voz de seu assistente quando o mesmo o chamou pelo rádio. Algo muito ruim havia acontecido

naquele lugar. Um dentre os moradores da cidade de Saint Martin, não estava mais entre eles.

- Aí está você, delegado, não conseguia mais aguentar ficar aqui sem um rosto amigo. - a voz lhe soa estranha no início, mas quando o delegado a ouvi, ele logo recobra-se do atordoamento causado por aquela situação aterrorizante, e tentando se manter calmo, responde:

- Você fez os procedimentos corretos, garoto, fez um bom trabalho - ao ouvir isso, os olhos de Jonathan brilham por um breve instante, pois, mesmo que naquelas circunstâncias, aquelas palavras foram o mais próximo de um elogio que ele recebera do delegado. O mesmo, tentando aliviar a tensão daquele lugar para o jovem policial, diz:

- Bom, eu assumo daqui, vá buscar café para nós, teremos que nos manter acordados e trabalhando muito pelas próximas semanas - o comentário faz Jonathan se lembrar dos dias tediosos na delegacia, mas, aliviado por sair daquele lugar, ele vai buscar os cafés.

Capítulo 3: A Cena do crime

Ele se aproximou do lago, tentava organizar os pensamentos enquanto tentava entender a situação, observou algumas marcas na lama próxima ao lago com um identificador com o número "3", aquelas marcas já haviam sido catalogadas para análise posterior por outros policiais, mas elas o intrigavam ainda assim. Eram marcas desordenadas e provavelmente já não estavam como quando no momento do ocorrido, mas havia algo ali além de apenas marcas, algo que ele não conseguia ver, mas o fazia sentir um frio na espinha.

- Eu acho que tudo acabou aqui - uma voz feminina diz, fazendo-o acordar de seus devaneios - Considerando que tenha sido uma assassinato, é claro - era a mais recente investigadora da polícia de Saint Martin, Emily, uma moça jovem com curtos cabelos escuros e olhos azuis calmos, com seu sorriso simpático que chegava a ofuscar a cena sombria que se desenrolava ao redor deles.

- Bom dia pra você também - o delegado responde, forçando um sorriso com o canto da boca, e então, com um suspiro, continua:

- É uma possibilidade que não podemos excluir, mas não é a única possibilidade. Pode ter sido um afogamento, uma jovem desavisada que veio nadar e acabou, de alguma forma, se afogando.

- A moça poderia ter prendido o pé em alguma coisa no fundo do rio? ou talvez tenha sido pega de surpresa pela chuva forte de ontem? - uma nota de animação surgiu em sua voz quando fez essas duas perguntas, e o delegado acena com a cabeça, concordando, para então concluir:

- Sim, pode acontecer, e não seria a primeira vez. Mas não podemos concluir nada tão precipitadamente, eu já mandei equipes verificarem todo o perímetro do lago, e quando conseguirmos todas as pistas que esse lugar pode nos oferecer, conseguiremos ter uma conclusão concreta - ele termina a frase analisando-a com um ar de certa humildade, afinal, ainda era o início da carreira policial de Emily e ele queria ser, no mínimo, um bom primeiro chefe, e talvez ensinar um truque ou dois para ser uma policial melhor do que ele foi capaz de ser.

Ele é tirado de seus pensamentos quando uma voz o

chama. Ao olhar, se depara com um dos peritos, com as botas de chuva sujas de lama até a metade, o chamando para a parte norte do lago onde, aparentemente, um dos grupos de policiais encontraram alguma coisa. Então ele o segue e, sem esperar o convite, Emily o acompanha.

Eles caminham vacilantes pela lama na margem do lago, até que finalmente chegam em uma pequena clareira onde, no fim da mesma, se encontra uma estradinha de terra que segue pelo meio da floresta.